

PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS NA IMPLANTAÇÃO DO MUSEU VIRTUAL DE JACOBINA (BA)

Abril 2007

Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim
UNEB – eliasimeia@yahoo.com.br

Categoria B – Conteúdos e Habilidades

Setor Educacional 1 – Educação Fundamental

Natureza B – Descrição de Projeto em Andamento

Classe 2 – Experiência Inovadora

RESUMO

O presente trabalho faz parte da discussão levantada na dissertação de Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação em EaD, da parceria UNOPAR/UFC, “A Internet como meio de ensino, aprendizagem e divulgação científica no campo da Geografia: Estudo de caso sobre a Implantação do Museu Virtual de Jacobina (BA).” Procura discutir a percepção e produção de sentido a partir de imagens e fotografias, nos conceitos de percepção - base fundamental para compreensão, análise e síntese do espaço geográfico, discussão esta que fundamentará a implantação do museu virtual uma ferramenta válida, não somente à Educação a Distância, mas também por constituir-se em rico material didático para o ensino presencial, ou numa proposta híbrida de ensino.

Palavras-chave: Fotografias. Percepção. Espaço Geográfico.

1. Introdução

A contemporaneidade trouxe consigo a “febre” pelas novas tecnologias e o uso indiscriminado dos meios de comunicação. Vive-se uma sociedade pressionada pelas imposições da globalização, do consumo exagerado, das agitações e do pragmatismo alienante e eufórico. Baudrillard (1991) [1] indaga acerca do relativismo entre o bem e o mal, da banalização da violência e da não indignação diante do terror produzido na esfera social, que de certa forma, tem uma forte vinculação com a distribuição de imagens e informação. Baitello Júnior, (2000:8) [2] levanta uma discussão sobre a relação entre as diversas mídias no espaço/tempo, da forma em que umas foram sobrepujando às

outras, sem, contudo, eliminá-las em seus campos de ação e é ele mesmo quem denuncia:

A possibilidade de produção de imagens, visuais ou acústicas, sua reprodução ilimitada, sua distribuição irrestrita têm levado a comunicação humana a uma hipertrofia da visão e da visibilidade. (BAITELLO JUNIOR, op.cit)

Da mesma forma Dietmar Kamper (1995:57) [iii], diante da excessiva visibilidade, que produz a insensibilidade, ressalta:

Ver é permanecer na superfície. A profundidade do mundo não é atingível pelo olho. E quando o olho se intromete, aumentam apenas os planos, as superfícies e as superficialidades. Seu lema 'tornar visível tudo o que é invisível' era duplamente falacioso. Não atingiu o antigo invisível e produziu uma nova invisibilidade. Está preso à visão um ofuscamento específico: quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade. (KAMPER, 1995: op.cit).

Entre as indagações que surgem mediante tais conjecturas, questiono: Há possibilidade de educar os sentidos para que se possa ver a realidade concreta? De que forma a percepção visual pode produzir sentido de forma a desenvolver ações de cidadania? A escola, através de uma ação educativa e utilizando tecnologias de imagens, pode contribuir para tal formação perceptiva e visibilidade? Morim dá algumas pistas quanto à subjetividade e individualidade: "*Hoje é impossível ter do Universo uma visão clara e distinta. É impossível isolar o ser vivo de seu ecossistema, o indivíduo da sua sociedade, o sujeito do objeto.*" (Morim, 1995) [iv]. Buscarei, a seguir, traçar um viés entre percepção, produção de sentido e visibilidade a partir da leitura de imagens e fotografias, uma vez que a pesquisa desenvolvida refere-se à construção de um Museu Virtual e seu uso no campo da Geografia. Estas últimas questões, inclusive, não estão dispostas neste trabalho, mas fazem parte do corpo da dissertação pretendida.

2. Um Viés entre Percepção e Leitura de Mundo

Contemplar a cidade em suas multicores luzes é uma experiência fascinante. Remonta o que Freire (1988) [v] denomina *leitura de mundo*, que, em sua teoria, é fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrever, e transformá-la em uma prática consciente, principalmente se esta fornecer instrumentos de análise e crítica da realidade. Tais leituras agem de forma significativa nas escolhas e vivências futuras, permitindo estas ou aquelas, em detrimento de outras opções, pois mesmo sem constituírem-se numa atividade intencional, possibilitam construções cognitivas e estabelecem parâmetros de comparação, análise e reflexão sobre o espaço vivido - competências de extrema importância para a formação da individualidade e identidade do ser humano -. Também fornecem impressões psíquicas que agem involuntariamente e depois se transformam em atividades complexas dão sentido às mesmas, que segundo a psicanálise (Freud apud Davison, 1982) [vi] não ocorrem por acaso. Nada é por acaso, nada é sem intenção. As experiências que decorrem destas leituras advindas da nossa percepção sensorial nos permitem "enxergar" as realidades subjetivamente. A

praça, a rua, as lojas, caminhos não são apenas objetos dispostos num lugar, são o produto de ações humanas, pertencem à criação e invenção de homens e mulheres, que ao seu tempo foram combinando elementos, dando forma, cor, imprimindo uma marca e assim, possibilitando que outros olhares pudessem construir novas marcas. Perceber é, portanto, uma ação humana e produz história e cultura. Freire (1988:op. cit) aponta que toda essa atividade vivida em nossa primeira vivência com o mundo é o universo de todas as pessoas, de todos os grupos expressando a realidade de cada um através de sua linguagem. Como numa relação simbiótica, imagens, letreiros luminosos, placas, vitrines, ruas, transeuntes e tantos outros elementos formam um conjunto significativo que se traduz na percepção de quem vê, sente, cheira, passeia, experimenta. A cidade, para cada indivíduo e na construção cotidiana que tece por sua percepção, produz um efeito particular, próprio, diferenciado dos milhares e milhões que transitam todos os dias pelas mesmas ruas. As leituras são particulares porque a produção é individual, num código bastante íntimo e único. Alessandri Carlos (2001) citando Duvignaud afirma:

O espaço nos remete aos conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração; seja na dimensão de sua imensidade nômade, ou na da cidade, ou ainda na das toponímias, o espaço se compõe de experiência, além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram sua utopias, seu imaginário. (DUVIGNAUD apud ALESSANDRI CARLOS, 2001:11) [vii].

As relações espaço e tempo estão projetadas em cada olhar de quem vê e percebe. Para Alessandri Carlos (2001:12), *“do mesmo modo que em cada momento da história se produz um espaço, este revela, em cada momento histórico, uma cidade e suas possibilidades.”* A construção e (des) construção do lugar o tornam particularmente concreto, na realidade subjetiva de quem o constrói em suas múltiplas experiências vividas. Assim, o lugar torna-se prazeroso para alguns, melancólico para outros, interessante ou estressante. O “sentir” o lugar torna o espaço significativo. Lefévre (1986) [viii] nos aponta que as relações sociais possuem existência real espacial concreta na medida em que se inscrevendo e agindo nele, produzem um espaço. Os seres vivos de uma maneira geral intercambiam-se e trocam relações num espaço, porém somente os humanos são capazes de modificá-lo e perceber os efeitos dessas mudanças. Para Santos (1988:89) [ix], *“o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos”*. Estes objetos culturais fazem com que

a natureza conheça um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. (...) No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza. (SANTOS, op. cit).

Neste trabalho, a apropriação da cidade e da paisagem são entendidas pelas formas de senti-la como produção individual e que se configura nas transformações, atividades e relações nela constituídas. Para Ferrara (1993:23) [x]: *“A história da imagem urbana é aquela que culmina com o relato sensível de ver as formas de ver a cidade; não é descrição física, mas os instantâneos*

culturais que a focalizam como um organismo vivo, mutante e ágil para agasalhar as relações sociais que a caracterizam". Importante, porém, se faz compreender de que forma tais percepções se estabelecem e quais as epistemologias que as explicitam, numa discussão do próprio conceito de percepção ambiental, elucidando quais as representações que podem corresponder melhor a nossa compreensão e objeto através da utilização do mesmo.

3. Um Olhar sobre o Conceito de Percepção

Estudos e teorias buscam explicar a percepção em seus diferentes pontos de vista e indicam os campos de investigação seja entre os filósofos pré-socráticos até os mais recentes trabalhos da Psicologia, Teoria da Arte, Neuropsicologia, Semiótica e outros. Enquanto categoria de análise, a percepção refere-se ao ato interno de extrair as características dos elementos físicos, subjetivando-as, numa atividade realizada por um sistema neural, do córtex cerebral, assim, encontra-se nos pontos de vista biológico e/ou psicológico envolvendo os processos mentais, a memória e outros aspectos. Empiristas e racionalistas divergem quanto ao papel da percepção na aquisição do conhecimento, como em Platão, que nos remete à percepção em sua obra "A República", com o *Mito da Caverna* (no Livro VII. Diálogo escrito entre 380-370 a.C.) [xi], cujo valor secundário deve ser superado pelo conhecimento (episteme), gerado pela razão, rompendo com a inércia da ignorância (agnosis), em oposição a Aristóteles na máxima "*Nihil est in mente quod prius non fuerit in sensu*" [xii].

Razão e sentidos percorreram caminhos antagônicos pela Filosofia e início da Psicologia Experimental, postulando pensamentos, porém, numa nova concepção "*Perceber e cogitar são operações que nos aproximam da essência da experiência. Esses atos conscientes realizam-se no corpo operante e atual*" (ARANHA, 1992:8) [xiii], ou seja, são o fruto da ação direta do indivíduo com o objeto e com a realidade vivida em consonância com o seu interior. Como cita Arnheim (1985) [xiv]: "*(...) não vejo como eliminar a palavra 'pensar' do que ocorre na percepção. Não parece existir nenhum processo do pensar que, ao menos em princípio, não opere na percepção*". De forma singular, Merleau-Ponty (2004:19) [xv] traduz tal pensamento: "*O verdadeiro Cogito não substitui o próprio mundo pela significação mundo*." sugerindo um encontro entre o Ser e o Mundo:

Enquanto sou no mundo, ele se manifesta em minhas experiências. Vivo minhas experiências sempre a partir de meu corpo, que é histórico e cuja história carrega os invariantes dessas experiências. Minha experiência é multiperspectival e não se reduz a nenhum momento efetivo. As coisas me oferecem suas faces e eu as percebo de diversos pontos de vista espaciais e temporais, e "seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente" (MERLEAU-PONTY, 1971: 83)[xvi].

Desta forma, a percepção, como atividade humana, diferencia-se da sensação biológica, orgânica ou corpórea ao utilizar recursos mentais, de reflexão e pensamento, objetos este de estudos e que buscarei, a seguir, tecer um viés nas explicações nos campos da Fenomenologia, Psicologias Cognitiva e Sociointeracionista.

3.1 Percepção Fenomenológica

Numa abordagem fenomenológica ou da Fenomenologia (do grego *phainesthai*, aquilo que se apresenta ou que se mostra, e *logos*, explicação, estudo), os fenômenos da consciência devem ser estudados em si mesmos pela sua "significação", segundo teóricos que a buscaram compreender, em específico Husserl (1913), Heidegger (1927), Sartre (1978) e Merleau-Ponty (1945). Este último oferece uma abordagem mais atual e se aproxima do objeto deste estudo em questão, pois em sentido estrito, Merleau-Ponty estabelece a idéia de que a *percepção fenomenológica* é um ato da consciência humana que se dirige aos sentidos da dialética ser-mundo. Atribui sentidos aos gestos em correlação ao corpo humano e seus diversos movimentos e configura o mundo como um campo de experimentação para os pensamentos e percepções. Para ele, a percepção é o "*momento dialético vivo de um sujeito concreto*", a consciência é a "*dialética do meio-ambiente-ação do sujeito*" e as movimentações do *cogito fenomenológico nos aproximam de um mundo pré-científico, habitado por fenômenos* que se tecem no solo da *dimensão perceptiva* da consciência (Merleau-Ponty, 1998:19) [^{xvii}]. Outro estudioso de igual destaque é o médico psiquiatra Carl Rogers (1998), que apesar de seus trabalhos terem sido pouco difundidos na escola brasileira, torna-se fundamental, uma vez que em sua concepção a percepção dos fenômenos externos está intimamente ligada ao equilíbrio, desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo, na terapia centrada na pessoa como campo da experiência, pelo *Self (condição individual)*, e *gestalt (percepção de mundo)*.

3.2 Percepção e Cognição: Uma Abordagem Cognitivista

Jean Piaget desenvolveu a teoria da Epistemologia Genética, onde aprendizagem e desenvolvimento são o resultado de uma interação direta do indivíduo com o meio sócio-ambiental e a percepção se dá pelo conhecimento dos objetos a partir de um contato direto com estes. Categorizou quatro fases específicas do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, considerando os fatores preponderantes para a passagem de um estágio menor para um estágio maior do conhecimento, sendo: maturação biológica, equilibração majorante, experiências física e lógico-matemática e relações socioculturais, que agindo conjuntamente vão possibilitando a organização dos esquemas mentais no processo de adaptação de uma nova aprendizagem a partir da assimilação e acomodação. Assim a percepção vai se configurando, pelo vínculo entre ação e função adaptativa. Em sua visão, "*a percepção está sempre agindo nos estágios elementares de formação dos conhecimentos, mas jamais age sozinha e o que se lhe acompanha é pelo menos, tão importante quanto ela em tal elaboração*". (PIAGET, 1973: 71) [^{xviii}], ou seja, *pensar e perceber* não derivam isoladamente, mas da ação inteira, conjuntamente. Não se conhece realmente um objeto senão agindo sobre ele ou transformando-o. "*São então as ações e não apenas as percepções que constituem as fontes de nossos conhecimentos científicos*". (PIAGET, 1973:73).

3.3 Percepção e Linguagem: Estudo Sociointeracionista

Os estudos de Lev. S. Vygotsky indicam uma estreita relação entre instrumentos simbólicos e ação, onde o universo sociocultural imprime relevantes símbolos na formação do conhecimento, pois ao nascer, o indivíduo é recebido pelo mundo externo, onde linguagem, cultura e movimento já estão presentes assim, os pseudo-conceitos, derivados da internalização destes propiciarão as impressões sobre o mundo e si mesmo, influenciando fortemente a sua percepção. As zonas de desenvolvimento descritas por Vygotsky nos permitem compreender de que forma o indivíduo age sobre o mundo, em contato com seu pares e nas múltiplas possibilidades que lhe são fornecidas. Para ele, a percepção humana é a razão entre objeto e significado, num meio cultural. Assim "*toda percepção humana é feita de percepções generalizadas e não isoladas*" (VYGOTSKY, 1988:129)^[xix] e pontua que o processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano, pois envolve atividades externas que se internalizam. O processo de passagem de uma percepção interna, que deriva em desenvolvimento potencial, para a construção de um conceito científico, pelo desenvolvimento proximal, é função da escola e do educador.

Diante de tais concepções e considerando a importância da percepção para a construção do conhecimento e equilíbrio do sujeito, de que forma, então, a escola pode assegurar a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo? Há possibilidades de educar nossa percepção e produzir sentido? Podem as fotografias e imagens exercer tal tarefa? Buscarei discutir sobre tais reflexões a seguir.

4. Percepção e Produção de Sentido a Partir de Imagens e Fotografias

Historicamente os seres humanos só passaram a ter uma existência concreta sobre o Planeta quando começaram a registrar suas vivências por meio de imagens e da escrita. (Perfeito da Silva, 2004)^[xx], (Gálvan, 2002)^[xxi], (Justamand, 2005)^[xxii]. Antes deste período, denominado de Pré-história, a comunicação humana restringia-se aos gestos, urros, gritos e/ou imitações de vozes de animais ou sons da natureza. Através de desenhos feitos nas paredes das cavernas, as pinturas rupestres, datadas do período Paleolítico (100.000-10.000 a.C.), gravadas em abrigos ou cavernas, nas paredes e tetos rochosos, ou superfícies rochosas, em lugares protegidos ao ar livre, que iniciaram a troca de mensagens, idéias e transmitiam desejos e necessidades. Entre as pinturas rupestres e o surgimento da fotografia, no século XIX, outras formas de arte se fizeram manifestas na produção de imagens. Esta, enquanto arte técnica, é uma gravação imagética por meios mecânicos, químicos ou digitais, numa camada de material sensível à exposição luminosa, designada como o seu suporte. (Wikipédia, 2007). Deriva das palavras gregas φως [*fós*] ("luz"), e γραφίς [*grafís*] ("estilo") ou γραφή [*grafê*], significando "desenhar com luz" ou "representação por meio de linhas". Como objeto de estudo, constitui-se numa ferramenta útil e singular nos campos das diversas ciências humanas pelas representações iconográficas, linguagens, imagens, informações, nas condições espaço/temporais e culturais por elas permitidas, e, de certa forma, em importante peça da cultura, pela salvaguarda de sua memória, costumes e tradições, que delineia a identidade de um povo. Kossoy (2001:32)^[xxiii] ainda

coloca: “*entendemos ser o estudo das imagens uma necessidade; um caminho a mais para a elucidação do passado humano*”, referindo-se à fotografia como documento de preservação e peça chave para imortalizar instantes culturais, além de tornar possível o auto-conhecimento e a percepção figurativa de elementos diversos e pessoas, em relação às suas experiências de vida. Ainda em Kossoy encontramos:

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens, devemos considerá-las sempre como fontes de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. (KOSSOY, 1999: 21)

Para Camargo (1999:2) [xxiv], a imagem como criação humana é fruto da cultura e a partir do advento da fotografia, iniciamos a captação automática desta, *que fala pelas qualidades que a constituem em substâncias expressivas*. Neste trabalho, contudo, tornam-se objeto de estudo as possibilidades geradas pelas fotografias de percepção do espaço geográfico, da análise e estudo local e das paisagens enquanto categorias essenciais para a compreensão da Geografia como ciência social, que procura desvelar as ações humanas e formar consciência crítica e cidadã. Até que ponto podem as fotografias produzir sentido num estudo de espaço? Valho-me das leituras sensíveis de mundo, buscando em Maria Dantas (1999):

Entre o leitor, a fotografia e o autor há um campo de intencionalidade impossível de ser registrado, mas que impregna o acontecimento (...), pois, “a memória contida nos dados materiais só é passível de ser acionada quando permite que uma rede de sentidos - olhar, desejos, emoção – possam vir à tona borrando a exatidão disponível na fotografia. (DANTAS apud BORGES, 2001:2) [xxv].

A professora Dr^a Mirian Moreira Leite (1998) pontua que:

Um conhecimento pré-existente da realidade representada na imagem mostrou-se indispensável para o re-conhecimento do conteúdo da fotografia. Essa apreensão requer, além de aguçados mecanismos de percepção visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação dessa com outras imagens para que o intérprete possa se constituir num receptor competente. É que, entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que, ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja restituição, mas reconstrução — sempre uma alteração voluntária ou involuntária da realidade, que é preciso aprender a sentir e ver ou, nas palavras de Goethe: ‘*Olhar apenas para uma coisa não nos diz nada. Cada olhar leva a uma inspeção, cada inspeção a uma reflexão, cada reflexão a uma síntese, e então podemos dizer que, com cada olhar atento, estamos teorizando*’. Ver, portanto, é comparar o que se espera da mensagem com aquela que nosso aparelho visual recebe. Longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida. (FELDMAN-BIANCO & LEITE, 1998: 40) [xxvi]

Na sociedade pós-moderna, - diferente das posições de épocas anteriores a esta, em especial a modernidade, que imprimia um caráter rígido às leituras de mundo - as imagens não aparecem mais isoladas como produções independentes do aparato midiático e das fusões tecnológicas que acoplam diversos sentidos, como textos, sons, cheiros, texturas, outros. Para Fridman (1999:2) [^{xxvii}], as representações incorporam transformações na cultura e no cotidiano, onde o *“imaginário, as pulsões da intimidade, as maneiras de ser e os sentimentos são incorporados ao universo das mercadorias através de narrativas estéticas e da cultura”* e continua:

O fluxo ininterrupto de imagens está em todo lugar e os enredos dos meios de comunicação de massa produzem um "real" (ou hiper-real) que substitui a vida pelo que ocorre a partir dos monitores. Em *A rosa púrpura do Cairo*, de Woody Allen, personagens entram e saem da tela na busca louca de satisfação de seus desejos de romance. O "filme" da sociedade contemporânea talvez seja ainda mais fantasioso. (FRIDMAN, op. cit)

A cantora e intérprete Adriana Calcanhoto traduz percepção e sentido em seu texto “Esquadros”:

Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome. Cores de Almodovar, cores de Frida Kalo, cores.
Passeio pelo escuro. Eu presto muita atenção no que o meu irmão ouve e como uma segunda pele, um calo, uma casca, uma cápsula protetora, eu quero chegar antes pra sinalizar o estar de cada coisa, filtrar seus graus. Eu ando pelo mundo divertindo gente, chorando ao telefone e vendo doer a fome nos meninos que têm fome. (CALCANHOTO, 2002)[^{xxviii}]

Retorno a Merleau-Ponty (1989:60), *“Ser um corpo é estar atado a certo mundo”*. As diversas cores percebidas pela cantora e as quais *“não sabe nem o nome”*, estão presentes num mundo vivido, repercutem num corpo que reage *“pra chegar antes, filtrar seus graus, proteger-se”* e assim produzir um sentido. Calcanhoto continua seu passeio de percepção pelo mundo, indicando os espaços de ação: *“Pela janela do quarto, pela janela do carro. Pela tela, pela janela. Quem é ela, quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado. Remoto controle”*. (idem, ibidem), estabelecendo comparações entre as diversas “janelas” de sua vivência (quarto, carro, televisão). Cecília Meireles, diante de sua fotografia, percebe sinais do tempo em sua vida, que racionalmente não havia atentado, produzindo sentido ao seu olhar: *“Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?”* (Meireles – Retrato, 1949)[^{xxix}]. Para isto, Okamoto (1996:17) ^{xxx} discute: *“O fato de estar com os olhos abertos não quer dizer que se vê a realidade, pois ela é percebida através de conceitos, símbolos, mitos, etc.”*. Encontro em Mariano Neto (1996) ^{xxxi} a leitura sensível do mundo vivido e o encontro da percepção com a produção de sentido:

O humano enquanto ser que deseja e reage afetivamente aos acontecimentos do meio; a vontade como desejo, ação e criatividade, intenção de procura, de percepção, ou sentir sensorial e emocional, que permitem uma comunhão entre a natureza e o sujeito, onde a afetividade possibilita um reagir aos acontecimentos. Este tripé é a base para a leitura de qualquer realidade. (MARIANO NETO, 1996:2)

Em Morin (1995:13), uma pista para o trabalho de fazer produzir sentido num “olhar perceptivo” “o objetivo do conhecimento não é descobrir os segredos do mundo, mas dialogar com seus mistérios.” Por fim, Bachelard (1974:74)^[xxxii], “o espaço em que se olha, em que se examina, é filosoficamente muito diferente do espaço em que se vê”. Creio que é preciso educar os sentidos, a percepção. Produzir sentido a partir da percepção de fotografias e imagens no campo da Geografia, objeto de nossa pesquisa e conteúdo que continuaremos a discutir, sem, contudo, pretender esgotá-lo, pelas multiplicidades que ele mesmo oferece.

Notas:

[ⁱ] BAUDRILLARD, J., **La transparencia del mal. Ensayo sobre los fenómenos extremos**. Barcelona: Anagrama, 1991

[ⁱⁱ] BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária**. <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/tempolento.pdf>

[ⁱⁱⁱ] KAMPER, Dietmar. **Unmögliche Gegenwart. Zur Theorie der Phantasie**. München:W. Fink, 1995.

[^{iv}] MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 1995.

[^v] FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

[^{vi}] DAVIDSON, Donald. **Paradoxos da Irracionalidade**. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/davidson2.htm>. acesso 9.4.2007.

[^{vii}] ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

[^{viii}] LEFÉBRE, H. **La Production de l' Espace**. Paris: Anthropos, 1986.

[^{ix}] SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo : Hucitec, 1988.

[^x] FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Edusp, 1993.

[^{xi}] PLATÃO. **A República**. Belém: EDUFPA; 2000.

[^{xii}] *Nada chega à razão sem que tenha passado pelas experiências*. ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969.

[^{xiii}] ARANHA, C. S. G. **Sobre Origens do Ato Criador Visual Contemporâneo**. In: ArteUnesp - Universidade Estadual Paulista. V.8. São Paulo, 1992.

[^{xiv}] ARNHEIM, Rudolf. **El Pensamiento Visual**, Editorial Universitária de Buenos Aires, 1985.

[^{xv}] MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

[^{xvi}] MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Reginaldo de Pietro. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

[^{xvii}] _____ . **O Olho e o Espírito**. In: Textos selecionados. São Paulo: Nova Cultural, 1989. – (Os pensadores).

[^{xviii}] PIAGET, Jean. **Psicologia e Epistemologia – Por uma teoria do conhecimento**. Tradução de Psychologie et Épistemologie – Pour une Théorie de la connaissance, por Agnes Cretella. São Paulo: Ed Forense, 1973.

[^{xix}] VYGOTSKY, L.. **Pensamento e linguagem**. SP, Martins Fontes, 1988.

[^{xx}] PERFEITO DA SILVA, Joaquim. "Arte Rupestre": conceito e marco teórico. En Rupestreweb, <http://rupestreweb.tripod.com/conceito.html>. 2004. Acesso: 13.04.07.

TUAN, Y. F. 1984. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. DIFEC. São Paulo. 288p.

[^{xxi}] GALVÁN, F. M. **Arte rupestre: epistemologia, estética y geometria**. Disponível em: Rupestre/web, <http://rupestreweb.tripod.com/mendiola2.html> . 2002. Acesso em: 09 de abril de 2007.

[^{xxii}] JUSTAMAND, Michel. **A relevância das pinturas rupestres para o meio ambiente**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cjustamand.htm>. Acesso: 14.04.07.

[^{xxiii}] KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2 ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

[^{xxiv}] CAMARGO, Isaac. **Imagem, Movimento e Som: apreensão e instantaneidade na mídia**. Disponível em: <http://www.unicap.br/qtpsmd/artigos/2005/Isaac.pdf>. acesso: 14.04.07.

[^{xxv}] BORGES, Paulo Humberto Porto. **História e Fotografia**. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art15_12.htm. Acesso: 15.04.07

[^{xxvi}] FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (org). **Desafios da Imagem**. Campinas: Papyrus, 1998.

[^{xxvii}] FRIDMAN, L. C.: **Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, VI(2), 353-75, jul.-out., 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 14.04.07

[^{xxviii}] CALCANHOTO, Adriana. **Esquadros**. CD. São Paulo: Tiranossaurus, 2002.

[^{xxix}] MEIRELES, Cecília. **Retrato natural**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1949.

[^{xxx}] OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Plêiade, 1996.

[^{xxxi}] MARIANO NETO, Belarmino. **Topofilia, ecologia e imaginário: os velhos cariris da Paraíba**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba/topofilia-ecologia-imaginario-cariris-paraiba.shtml>. Acesso: 17.04.07

[^{xxxii}] BACHELARD, G. **A Filosofia do Não. Filosofia do Novo Espírito Científico**. São Paulo: Ed. Abril, 1974.

Nome do arquivo: 429200763116AM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: Percepção e Produção de Sentido a partir de Imagens e Fotografias
Assunto:
Autor: Eliã Siméia
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 17/4/2007 13:51:00
Número de alterações:90
Última gravação: 29/4/2007 06:27:00
Salvo por: Gumersindo Junior
Tempo total de edição: 472 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 17:29:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 3.976 (aprox.)
Número de caracteres: 21.472 (aprox.)